

# Gazeta Medica da Bahia

PUBLICAÇÃO MENSAL

VOL. XXXVIII

JUNHO 1907

NUMERO 12

## PEIXES VENENOSOS DA BAHIA

(Fragmento da these do Dr. ALBERICO DINIZ GONSALVES)

(Continuação)

### III

«*Thalassophryna maculosa*.» — Generalidades sobre o «*thalassophryna maculosa*.» — Poder envenenador. — Descrição do aparelho respectivo.

Perigoso animal esse, que, sendo chamado vulgarmente *niquim*, tem a classificação scientifica de *thalassophryna maculosa*, e que é caracterizado pelo formato de seu corpo, mais ou menos semelhante ao de um batrachio, resultando d'essa similhaça e sua collocação na familia dos *batrachídeos*.

Está o *niquim* na classe dos peixes osseos, sub-classe dos *stenobranchiatas*, ordem dos *teleosteos* (por apresentar esqueleto ossificado com vertebras bem formadas, arcos branchiaes livres, protegidos por um operculo, e não apresentar escamas), sub-ordem dos *physocistas* (por ter a bexiga natatoria completamente fechada) divisão dos *teleocephalos*, sub-divisão dos *acanthopteros* (por ter agulhões nas barbatanas dorsaes), grupo dos *trachiniiformes* (por ter a cabeça achatada e espessa e por ter o habito de viver no fundo d'agua), familia dos *batrachídeos* (por apresentar o corpo

alongado e comprimido, sem escamas, cabeça espessa, duas barbatanas dorsaes, uma anterior com dois agulhões, — senão a posterior semelhante á anal e muito longa, vertebras jugulares com dois raios molles, fendas branchiaes verticaes e pequenas e genero dos *thalassophrynas* (por ter dois agulhões dorsaes ôcos, eguaes a dois espinhos operculares, sendo que todos quatro venenosos).

Os especimens da familia dos *batrachideos* apresentam alguns caracteres communs com outros peixes de outros generos, taes como os *uranoscopios*, e ainda ha auctores (como COUVIER e CLAUS) que os approximam da familia dos *thalassophrynas* os peixes do genero dos *boudroies* (como chamam os francezes a uma especie de *diabo-marinho*). LACEPÈDE, porem, por achar similhanças entre os niquins e os batrachios, classifica-os entre os *batrachideos*. Out'ora se supunha que a familia dos *batrachideos* só possuia um genero — o dos *batrachus*; ultimamente dois são os generos d'essa familia: o dos *batrachus* e o dos *thalassophrynas*. Entre elles ha differenças e estas consistem em que os *batrachus* possuem tres agulhões na primeira barbatana dorsal, enquanto que os *thalassophrynas* têm apenas dois. (ED. PERRIER, *Traité de Zoologie*, fasc. VI, *Poissons*, pag. 2720.)

Ha duas especies, muito distinctas, entre os peixes do genero dos *thalassophrynas*:

a) o *thalassophryna reticulata*, que é encontrado no Panamá;

b) o *thalassophryna maculosa*, muito commum nas aguas, da bahia d'esta capital.

A primeira d'essas especies apresenta a coloração escura, traçada de linhas amarellas, que embellezam

todo o dorso do peixe; suas barbatanas podem ser representadas, quanto ao seu numero, da seguinte forma:

Dorsaes—<sup>3</sup>]<sub>24</sub>;  
Anaes—24;  
Peitoraes—16;  
Ventraes—<sup>1</sup>[<sub>2</sub>

Essa especie está devidamente estudada pelo sr. A. BOTTARD, no seu livro *Les poissons venimeux*, Paris, 1889.

A segunda das especies do *thalassophryna*—a *maculosa*,—ainda não está cuidadosamente estudada, o que vamos fazer no presente capitulo, ao qual bastam estas palavras de introdução esclarecedora do assumpto nelle contido e desenvolvido.

\* \* \*

O *thalassophryna maculosa* é achado, especialmente, nas aguas dos tropicos, do Oceano Atlantico, e é uma especie exclusivamente encontrada no Brasil, e, com maior especialidade, no golpho da nossa capital.

Os especimens que nos chegaram ás mãos, para os nossos estudos, foram pescados em diversos pontos do reoncavo, taes como Itapagipe (na Penha e no Poço) e na villa de São Francisco.

\* \* \*

Pequena é a lista dos nomes com que o vulgo conhece o *thalassophryna maculosa*.

Na Bahia, principalmente, em Itapagipe e na villa de São Francisco, onde elle é mais frequente, dá-se-lhe a denominação de *niquim molle*, bem como a de *niquim da areia*, muito commum no arrabalde de Itapagipe.

A vulgaridade mais consagrada é a do nome simples de *niquim*.

\* \* \*

Habita o *thalassophryna maculosa*, de preferencia, os logares onde as aguas do mar são pouco volumosas e menos sujeitas aos grandes movimentos das tempestades, sendo certo que não se poude encontrar ainda semelhante peixe venenoso nas aguas do mar alto.

Para estudal-o bem, não dispensamos a observação dos meios de pesca do *niquim da areia*, pelo que fomos buscal-os nos arrecifes e na areia, nas corôas de Itapagipe, descobertas com a baixa mar, e conseguimos apanhar e apreciar diversos especimens vivos do perigoso peixe.

Annunciavam-se nos grandes difficuldades na pesca do *niquim*, e garantiam-nos que só pessoas muito praticas poderiam pescal-o, sem grandes esforços. Em virtude d'isso, fizemo-nos acompanhar de diversos pescadores e fomos, de uma vez, ao alto das corôas, fazendo a pesca de diversos exemplares, que conservamos, cuidadosamente, em alcool. D'entre os pescadores, que então nos acompanharam, em Itapagipe, um destacou-se pela grande pratica em conhecer os logares onde os *niquims* são achados. Tal pescador de nome FRANCISCO CAMARÃO, descobria, com grande facilidade, o peixe nas tocas ou na areia. Assim, armado de uma haste de ferro, que tinha o comprimento approximado de um metro, voltando-se uma de suas extremidades em uma curva muito parecida com as comuns dos anzôes, o pescador sondava todas as tocas, com a sua *bicheira* (nome do instrumento referido). Em varios pontos encontramos os peixes estudados no

presente capitulo, os quaes se denunciavam pelos movimentos bruscos, que promoviam quando perseguidos pela *bicheira*, e, tambem pelo ruido especial, a que os pescadores chamam *ronco*, propagado claramente até ao exterior do asylo do animal traíçoeyro. Dados esses signaes, era introduzida a *bicheira*, e com uma certeza quasi que infallivel, o pescador trazia o *niquim* traspassado de lado a lado ordinarimente ainda vivo.

Nem sempre, como já tivemos ensejo de referir, o *thalassophryna maculosa* foi pescado nas tocas dos arrecifes, pois que, até em maior escala, o achamos occulto na areia, sempre espreitando o momento opportuno de fazer o mal aos homens, que não despresam em absoluto as suas carnes. O pescador pratico tinha um processo muito simples de descobrir o *niquim* occulto nas areias descobertas com a vasante da maré.

Todo o corpo do peixe fica enterrado, deixando contudo modelado, num levantamento de areias, a forma de seu corpo, que, como já dissemos algures, é muito semelhante á de um sapo. Numa das extremidades d'esse levantamento, mais ou menos visivel, distinguem-se, sempre fóra da areia, duas hastes erectas e pequeninas, que são os olhos do animal, acontecendo, outras vezes, o que é raro aliás, ficar visivel a parte extrema da cabeça do peixe, formada pelos seus dous maxillares. O pescador o reconhece, quasi sempre, pelo levantamento a que alludimos, observando o seu desenho, que é a forma do corpo enterrado.

Quanto á posição com que se occultam na areia os *niquims*, podemos observar que ella é inconstante e variavel, tanto quanto pode ser encontrado com a

cabeça para o nascente, para o poente, para o norte ou para o sul.

Impressionou-nos realmente o modo usado pelo *thalassophryna maculosa* para enterrar-se nas areias. O animal tem nas suas barbatanas ventraes os raios exteriores bastante resistentes, e as duas barbatanas peitoraes largas e grandes; ao querer entrar na areia elle pratica uma serie de methodicos movimentos lateraes, da direita para a esquerda e vice-versa, resultando d'esses movimentos uma cova no solo, aberta pelas barbatanas ventraes, na qual, como se um leito fosse, elle se colloca, usando, então, de suas barbatanas peitoraes, para, com uns tantos movimentos proprios, sacudir a areia sobre o seu dorso, trabalho esse que é completado pela passagem das aguas. Em poucos segundos, pois que os seus movimentos são muito rapidos, o corpo do peixe está encoado, ficando um leve vestigio de suas formas, tal como acima descrevemos.

O sexo d'esses peixes, conforme apuramos nas pescas por nós acompanhadas no arrabalde de Itapagipe, pode ser especificado, pelo pescador, segundo o logar em que o peixe fôr encontrado, visto como foi de nossa observação que, nos peixes achados nas tocas, feito o exame necessario, não existiam ovos, pois elles eram machos, emquanto que nos retirados das covas nas areias, haviam ovos, e elles eram femeas, factos esses que apreciamos por mais de uma vez.

\* \* \*

Estando, d'essa forma, o animal em emboscada, elle mantém a bocca semi-aberta e a nadadeira dorsal deitada sobre o seu lado direito.

Da attitúde assim adquirida, quando passa algum ser que lhe sirva de alimento, o *thalassophryna* avança sobre elle, apprehendendo-o, depois do que, com a mesma rapidez, volta a occupar a posição primitiva.

Pela sua fama, o *thalassophryna maculosa* é um temor dos pescadores, e tambem dos banhistas, nas regiões onde elles possam ser encontrados. E' crença geral que as picadas feitas pelos raios espinhosos de suas barbatanas dorsaes, quando não matam, aleijam. Infeliz, effectivamente, o pescador imprudente, que, por qualquer motivo, se sente ferido por ter pisado sobre o dorso do peixe venenoso, ou do que se deixa picar na mão, que tocou o peixe dentro de suas tocas!

Quando o pé descalço de alguém esmaga um d'esses animaes, sente a perfuração de suas carnes, depois de ter o peixe se comprimido, como que se occultando ainda mais, ou como que tendo deixado um espaço entre o seu corpo e o pé humano, que sobre elle se haja fincado. A manobra do animal é de sua conveniencia, para ganhar terreno e elevar-se com rapidez, cravando, então, nas carnes do pé que o dominou, os seus espinhos de barbatana dorsal. Dá-se, com esses movimentos, e devido ao peso do corpo sobre elle distribuido, uma ligeira pressão na glandula onde se armazena o liquido venenoso: essa pressão faz escapar-se, pelo espinho cravado na carne humana, o referido liquido, a modo de uma injeção qualquer realisada por intermedio de uma seringa de Pravaz.

Não são precisas muitas horas para o individuo envenenado sentir os effectos espalhados em todo o seu organismo, pelo principio extranho, que nelle ficou em circulação.

\*  
\*  
\*

O corpo do *thalassophryna maculosa* é symetrico, espesso, largo e achatado para a cabeça, ao mesmo tempo que se vai reduzindo e diminuindo de calibre e de achatamento para a região da cauda, tomando com essas proporções de linhas o aspecto de uma cunha.

Todo o seu corpo é revestido por uma pelle grossa espessa e mollie, variando de coloração para a cabeça e para o dorso, que tem a cor cinzenta, quasi preta, a qual diminue de intensidade á medida que o ventre se vai approximando, até chegar ao branco amarelado da parte inferior. Tambem vive todo o seu corpo humedecido por uma geléa viscosa, que o lubrifica, tornando-o, por isso mesmo, desagradavel ao tacto e escorregadio nas mãos que o detiverem.

A cabeça do *thalassophryna maculosa* apresenta grandes dimensões num valor de tres vezes maior do que o comprimento total do peixe.

Sobre ella se acham implantadas, na parte superior e anterior, algumas saliencias, aliás pequenas, que são os orgãos visuaes. Estes mostram-se pediculados e coloridos de escuro, tonalidade muito semelhante á do resto de seu corpo; o que mais os caracteriza é a sua posição olhando para o zenith, como acontece com os Uranoscopios. Têm os apparatus visuaes d'esses peixes a propriedade de contracção e dilatação, ao que primitivamente eram. Tivemos, como já deixamos exarado em outro trecho d'este capitulo de nosso trabalho, ensejo de retirar diversos especimens de *thalassophryna* da agua e apreciamos que a sua vida se prolonga, fora do meio que lhe é natural, por algum tempo, comprovado isto pelo seguinte facto: de Itapagipe, onde fomos á sua pesca, trouxemos, uma



vez, dentro de uma lata oblonga, em que só havia um dedo transverso de agua, e cuja parte superior estava reduzida com diversos orificios para a renovação do ar, uns exemplares retirados da toca; pois bem, esses animaes duraram, nesta situação, cerca de seis horas, pouco mais ou menos o tempo do fluxo ou do refluxo do mar. E tal caso nos foi dado observar innumeradas vezes.

Reduzimos o corpo de um d'esses peixes a postas, e notamos que perduraram nesses fragmentos alguns movimentos, por espaço de alguns minutos. A cavidade buccal do *thalassophryna maculosa* é muito larga e horizontalmente talhada, fechando-se do maxillar inferior para o superior, e assemelhando-se, tanto quanto possivel, não só pelas dimensões como tambem pela conformação, ás boccas dos batrachios (sapos). Na alludida cavidade, encontramos umas saliencias osseas, fortes e arqueadas para traz, que são os dentes, em grande numero, de difficil determinação. E logo depois, vimos um musculo largo, espesso, e de forma triangular, preso á prancha da bocca: era a lingua. Dividimos o nosso estudo, examinando primeiramente o exterior do peixe.

Assim, immediatamente depois da cavidade buccal, antes de mostrarem-se as barbatanas peitoraes, divulgamos duas fendas verticaes, uma de cada lado, que são os orificios das branchias ou guelras em numero de tres arcos, de cada lado ou em cada orificio, de um bello vermelho carmezim. O corpo do peixe é provido de barbatanas, ou de membranas dilatadas e sustentadas por meio de raios de diversos valores, dando-se que essas barbatanas se apresentam nas seguintes proporções:

D<sup>1</sup>-2, D<sup>2</sup>-19; A-18; C-12; P-16; V-¼

Por traz da abertura branchial se encontra uma barbatana — peitoral, — larga, forte; num peixe de 0.<sup>m</sup> 140 de comprimento total, aquella barbatana media 0.<sup>m</sup> 027. Nella se distingue uma grande serie de raios (sendo que os superiores são mais resistentes) em numero de 16, cujos bordos livres, em toda a barbatana, estão em duas linhas: uma superior dirigida quasi que horizontalmente, e outra inferior em direcção obliqua, de cima para baixo, de traz para adiante. As extremidades da barbatana peitoral têm uma coloração escura, de sepia, riscadas, em toda a sua extensão, de branco, numa linha que margina o bordo inferior. Tal barbatana, além de servir para a locomoção, tem o fim especial de cavar a areia, e, por movimentos determinados, joga-a sobre o seu proprio dorso, com o intuito de occultar o corpo. No dorso apresentam-se duas outras barbatanas — as dorsaes — collocadas na mesma direcção, uma após outra; a anterior, formada por dois raios, tem a funcção do aparelho venenoso. Esse aparelho está deitado sobre o dorso e compõe-se de dois agulhões, que são os raios da barbatana. A sua posição inclinada da cabeça para a cauda do peixe, é característica.

Dentro de um sulco, na linha dorsal, o peixe guarda voluntariamente, os seus agulhões, erguendo-os, com facilidade, quando assim lhe é conveniente. A segunda barbatana dorsal — a posterior — nascendo logo depois da primeira, prolonga-se até muito proximo da barbatana caudal. E' constituída por dezenove raios flexiveis, unidos estes por uma membrana, e, cae indifferentemente, sobre qualquer lado do corpo do peixe. Segue-se-lhe a barbatana — caudal, — ou o verdadeiro leme do animal, em sua locomoção, de forma trian-

gular, extremidades curvas, dando muita similitude a um leque. São doze os seus raios, que, partindo da parte mais estreita, se fundam no bordo posterior. Por toda essa barbatana ha um colorido cinzento mais carregado, relativamente á sua côr geral. Sobre o longo do ventre, com a mesma direcção da dorsal expande-se a barbatana — anal — de forma e constituição idêntica áquella, e, tendo dezoito raios de constituição flexiveis e cartilagosos, vai terminar na cauda do peixe. As barbatanas — ventraes — estão situadas na parte inferior da cabeça do animal, uma de cada lado, tendo cada uma o diametro de 0.<sup>m</sup>016 num especimen de 0.<sup>m</sup>140 de comprimento total. São constituídas por cinco raios, sendo que um forte e resistente, o qual se acha situado para o lado externo de ambas as barbatanas; o fim principal d'essas barbatanas é cavar a areia, para o que são endurecidas, formando o leito onde o peixe descansa e occulta-se. Antes da barbatana anal, está um orificio, que é o anus, bem como no dorso do peixe, dos lados das barbatanas dorsaes, ha uma linha de canaes, que se abrem, para o exterior, em uma serie de póros — é a linha chamada lateral, cujos canaes são glandulas, que segregam um muco fornecedor da viscosidade do peixe; tal linha de cada lado, começa na extremidade lateral do maxillar superior, e, parallelamente, percorre a cabeça do animal, indo ter á base da barbatana caudal, depois de convergencias e divergencias, ladeando as barbatanas dorsaes, das quaes muito se aproxima. Ainda externamente sobre o corpo do peixe, de ambos os lados, antes das barbatanas peitoraes, estão os espinhos operculares ou outros aparelhos de veneno, que tambem se denominam operculares; são revestidos pela pelle do ani-

mal, e, de ordinario, ficam deitados sobre os seus flancos.

Após essa descripção externa do *thalassophryna maculosa*, dissecamol-o e estudamol-o internamente. Impressionou-nos, primeiramente, o apparelho digestivo, cujo estomago é espesso e largo, seguido por intestinos curtos e de poucas voltas, dilatando-se pouco antes de chegar ao orificio anal. O estomago tem, como seu annexo, uma glandula, que está collocada á direita, constituida por dois lobulos, um maior, o esquerdo, e o outro diminuto, o direito. É de côr vermelha, sendo volumosa e chama-se figado. A vesicula biliar é de tamanho regular, e a bilis é descorada. Ha uma vesicula cheia de ar — a bexiga aerea ou natatoria, — em forma de um rim, cujas paredes são membranosas e espessas, tendo a collocação na região abdominal, por baixo da espinha dorsal (columna vertebral). Os especimens femeas, que conseguimos dissecar, tinham ovos, de tamanho regular, de coloração amarella e em grande numero. Os ovos têm uma consistencia gelatinosa, e ficam agrupados em duas porções, aos lados da columna vertebral. Em um especimen de 0,<sup>m</sup>140 de comprimento, encontramos 102 ovos do lado esquerdo e 124 do lado direito, os quaes deram um total de 226 ovos. Cada um d'elles, medido separadamente, apresentou um diametro de 0,<sup>m</sup>0045. A carne do *thalassophryna maculosa* finalmente é alva, gelatinosa, mucosa e muito agradável ao paladar.

\* \* \*

Vamos entrar na descripção dos apparelhos venenosos do *thalassophryna maculosa*, o que procuraremos fazer o mais detidamente possível.

Este aparelho é duplo, o opercular e o dorsal; o primeiro faz corpo com o osso opercular, e acha-se situado acima e antes das barbatanas peitoraes, sendo também duplo, um de cada lado do peixe.

A articulação da espinha com o operculo possui um duplo movimento: de abdução (abaixamento) e elevação. A espinha opercular é percorrida, interiormente, por um canal, que vai desde o vertice até a base, sendo que, no vertice, elle se abre para o exterior, formando uma fenda alongada ovalar. Um cabello introduzido no canal, por esse orificio atravessa-o completamente, até sair pela base da espinha, também por um orificio oval e de diametro maior do que o do orificio do vertice.

O aparelho opercular apresenta uma porção vertical e outra horisontal, lembrando, muito bem, a forma de um **T** invertido. A porção vertical tem a forma de um estylete e mediu no peixe tomado para as nossas observações, 0,<sup>m</sup>014; é muito mais movel, um tanto ou quanto recurvada de baixo para cima e de fora para dentro. A porção horizontal junto ao operculo, é muito estreita, medindo, no alludido peixe o diametro de 0,<sup>m</sup>008.

A espinha opercular é revestida de uma pelle, não adherida, que se prolonga até proximo do vertice. Essa pelle constitue um sacco frouxo, especie de uma bainha, que se pode retrahir em quasi toda a sua extensão, deixando completamente desnudada a espinha opercular.

O aparelho dorsal está situado sobre a primeira barbatana dorsal e compõe-se de duas espinhas, que constituem essa mesma barbatana. Cada espinha, no especimen que observamos, media 0,<sup>m</sup>020 de comprimento. O interior das espinhas dorsaes é, em tudo,

identico aos das espinhas operculares, que acima descrevemos. As medidas de seus diametros, porém, são as seguintes, na base: 0,<sup>m</sup>002, no sentido longitudinal, e 0,<sup>m</sup>001, no sentido transverso. A espinha dorsal tem dois movimentos, de elevação e de abdução. A espinha forma com a linha dorsal do peixe, por ocasião de seu levantamento, um angulo de 45° a 75°, que desaparece por completo quando a espinha está deitada sobre o dorso, no sulco proprio que ahi existe.

Como as espinhas operculares, as dorsaes são revestidas pelas bainhas de pelles, que se deixam arregaçar mais facilmente.

Cada espinha, de qualquer dos apparatus venenosos, possui um sacco isolado mais preso pela sua base, na face anterior, de modo que fica elle desguarnecido, relativamente á posição da espinha.

Esse sacco tem a forma oblonga, com uma extremidade alongada, e o seu volume, approximadamente é o de um grão de milho pequeno. Nesse sacco só ha um orificio, que é o de comunicação com o canal da espinha.

Observamos que, talvez pelo seu maior uso, os saccos das espinhas dorsaes apresentam maior volume que os das espinhas operculares, e, portanto, maior quantidade do liquido toxico.

Este liquido, que nos parece ser produzido pelo proprio sacco, visto como são elles isolados e não existe nenhuma glandula proxima, preenche todo o vasio do sacco. O aspecto exterior d'este é fibroso, as suas paredes são delgadas cobertas de uma membrana fibrosa, a qual, interiormente, é coberta de muco.

A situação das bolsas do toxico é logo depois da

epiderme do peixe, não havendo entre ellas ligações musculares. Tivemos o cuidado de comprimir um d'esses sacos, e vimos d'elle exgottar-se, em um jacto tenue, elevando-se mais ou menos á altura de um metro, um liquido ligeiramente branco e de pouca densidade, dotado das qualidades toxicas, ás quaes já alludimos.

A falta de vontade do *thalassophryna maculosa* é determinante de sua qualidade defensiva, ao passo que, em todos os outros peixes venenosos, a expulsão do toxico é voluntaria, sendo elles, desta forma, verdadeiramente offensivos; só por compressão de suas bolsas venenosas o *thalassophryna maculosa* expelle o toxico que nellas se contem, não tendo intervenção neste acto puramente mecanico, os nervos visinhos dos apparatus mencionados.

D'ahi se depreheende a forma porque se faz a introdução do veneno do *thalassophryna maculosa* no organismo humano: introduzida a espinha nos tecidos molles, na região plantar de um pé nú, a bolsa com o peso do corpo extranho, se comprime, arregaça-se a bainha da espinha até a base, o liquido é expellido, forçosamente, pelo canal, numa acção rapida, e interna-se nos tecidos do corpo ferido.

Só offendido, pois, o *thalassophryna maculosa*, pode fazer uso de seus apparatus venenosos.

\* \* \*

Como já dissemos, o veneno do *niquim*, tomado das bolsas de um animal vivo, é ligeiramente branco, muito limpido, tornando-se opalescente com a morte do animal.

Não tem odor de especie alguma; o seu sabor é amargo, e brevemente estyptico, dando uma rapida sensação de ardencia na lingua.

Coagula-se sob a acção do alcôol a 36°, e essa coagulação é completa; ella se faz mais prompta sob a acção do acido nitrico; em presença do acido acetico; não apresenta modificação; córa ligeiramente de roseo o papel azul de tournesol.

Levado ao microscopio deixou verem-se cellulas livres nadando em um liquido albuminoide.

E, taes são os caracteres do principio venenoso do peixe prodigo em fazer mal aos demais seres e especialmente ao homem.

## Revistas e analyses

RÉNON e TIXIER.—Sobre as albuminas do liquido cephalo-rachidiano pathologico. (*C. R. de la Société de Biologie*, 1906, p. 639). *Conclusões*:

1.º No liquido cephalo-rachidiano normal só existem vestigios de albumina (sero-globulina); a dosagem é praticamente impossivel.

2.º Temos achado, na grande maioria dos liquidos cephalo-rachidianos pathologicos, parallelismo bem manifesto entre o grau de reacção cytologica e a quantidade de albumina (sero-albumina e sero-globulina);

3.º Em certos casos de processos meningens agudos ou chronicos, a reacção cellular pode faltar ou ser muito attenuada, ao passo que o liquido cephalo-rachidiano contém grande quantidade de albumina (até 5 grammas por litro).

Em resumo, a formula cytologica, que nos dá tantas



vezes informações de indiscutível precisão, pode ser negativa, no curso de certos estados meningens. A pesquisa e a dosagem da albumina podem então prestar grandes serviços para afirmar-se a existencia de um processo meningeu agudo ou chronico. Essa pesquisa possui tanto mais valor quanto pode ser feita extemporaneamente, sem auxilio de objectos de laboratorio, e com as technicas habituaes para a pesquisa e a dosagem da albumina (calor, acido nitrico, tubo de Esbach.)

## O Treponema Pallidum de Schaudinn

### III

Trataremos neste 3.º artigo da technica exigida para as pesquisas do *Spirocheta Pallida*.

*Schaudinn, Hoffmann* e os seus primeiros collaboradores empregavam o azul de Giemsa, cuja formula já demos no 1.º artigo.

Mas nenhum delles explica satisfactoriamente os processos technicos, abrolhando até nas informações de cada qual flagrantes differenças e lamentaveis contradicções.

*Jacqué* resume no *Journal Médical de Bruxelles*, n. 26; pag. 406, o processo por elle empregado e que lhe deu melhores resultados.

I—Deixar seccar ao ar livre a lamina sobre a qual se collocou a preparação espalhada n'uma camada o mais tenue possivel.

II—Fixar com alcool absoluto durante 15 a 20 minutos.

III—Seccar com *papier-buvard*.

IV—Banhar a lamina durante 1 hora n'uma soluçao de *Giemsa*, preparada extemporaneamente (15 gottas de *Giemsa* por 10 centimetros cubicos de agua distillada).

V—Lavar rapidamente com agua distillada e seccar com *papier-buvard*.

VI—Usar de oleo de cedro não acido — *au tournesol*.

Nunca se deve passar a lamina sobre a chamma.

O exame deve ser feito, de preferencia a luz artificial; objectiva apochromatica de 2 millimetros ou achromatica de 1/12, de immersao homogenea, ocular forte (compensador 8). Diaphragmar ligeiramente.

Sem isto torna-se difficil obter uma imagem nitida.

Podemos empregar outras substancias corantes, *fuchsina*, *violeta de genciana anilada*, *Methyleno de Kuhne*, *violeta de Nicolle*, *Azul nilo*, *Azul caprilico*, *acido phosphotungstico* a 2 por 100, seguido de coloraçao com *fuchsina phenicada* (methodo de *Reitmann*).

*Giemsa* costuma colorir a preparaçao durante 15 minutos e até 1 hora (o maximo da coloraçao é obtido depois de 1 hora) com uma diluicão de uma gotta da substancia corante da sua invençao n'um centimetro cubico de agoa. E' de opiniao que se deve adicionar á agoa (antes de mistural-a á substancia corante) uma a dez gottas de uma soluçao a 1 por 100 de carbonato de potassa.

O methodo de *Giemsa* é sufficiente para delatar a presenca do *Spirochoeta Pallida* nas lesões cutaneas e visceraes da *Syphilis hereditaria* ou adgiurida. (*Levaditi* — *Presse Medicale*, n. 43, 34 de Maio de 1905; *Babes und Pinea* — *Berlin. Klin. Woch.* 32 — 1905; *Bodin* — *So-*

ciété Française de Dermatologie et de Syphiligraphie, Julho-1905; Nigris—*Deutsche Mediz. Woch.* n. 36, pag. 1431, 1905; Gronnum—*Hospitalatidende*—Ns. 29 e 39, 1905; Elkerinnann—*Deutsche Mediz. Woch.* n. 44, 1905 etc.)

Mas, faltava um methodo que permittisse corar o *Spirochæta pallida* nos cortes histologicos.

Herxheimer e Hubner (*Deutsche Mediz. Woch.* n. 26, pag. 1023 — 1905) foram os primeiros que procuraram, por meio do *Azul do Nilo*, verificar o S. P. em cortes provenientes de um cancro syphilitico.

Todavia, apesar de ter sido encontrado por este processo o S. P. não é para recommendar similhante substancia corante, desde que muito diminuto foi o numero de S. P. verificado pelos experimentadores.

Bertarelli, Volpino e Bovero (*Rivista d'Igiene*, n. 16, 1905, pag. 561; *Centralblatt fuer Bakteriologie*, vol. XL, fasc. 1, pag. 56) lembraram um methodo baseado na impregnação dos *Spirochætas* pelo nitrato de prata e o emprego da mistura de *Van Ermengen* a titulo de reductor.

Na opinião dos auctores italianos, este methodo permite a coloração satisfactoria do S. P. nos tecidos que os envolviam, conseguindo os mesmos observar estes parasitas no figado e no baço de um recém-nascido heredo-syphilitico.

Levaditi, porém, notou que este methodo apresenta certos inconvenientes que o tornam imperfeito. Apesar da impregnação prolongada dos cortes histologicos n'um banho de nitrato de prata a 0,05 e 0,07 por 100 mantido na temperatura de 38° os *spirochætas* se apresentam relativamente descorados. Por outro lado, é impossivel evitar-se a formação de precipitados de

prata metálica, por mais previdentes e minuciosos que sejam os cuidados da técnica italiana.

Para evitar estes inconvenientes *Levaditi*, aproveitando o que deve ser aproveitado no methodo italiano, applica na especie o processo de *Ramon y Cajal* (comptes-rendus de la Société de Biologie, Vol. LVI, pag. 368] empregado pelo sabio hespanhol com tão bom resultado na coloração das fibrillulas nervosas.

De collaboração com *Manouélian*, conseguiu *Levaditi* estudar histo-pathologicamente lesões primarias e secundarias no homem e no anthropoide, colbendo excellentes resultados por meio do supracitado methodo de coloração.

Para que não se julgue constituir o methodo de *Levaditi* uma simples *découverte* dos methodos italiano e hespanhol, cumpre assignalar-lhe a técnica.

I — Fragmentos de órgãos, medindo cerca de 1 millimetro de espessura, fixados em formol a 10 por 100, durante 24 horas.

II — Lavagem e embebição no alcool a 96°, durante 24 horas.

III — Lavagem em agua distillada, durante alguns minutos, até que os fragmentos caiam no fundo do recipiente.

IV — Impregnação por meio de uma solução de nitrato de prata, cuja concentração varia entre 1, 5 % a 3 %. A solução a 3 % é preferivel quando se trata de impregnar peças obtidas por biopsia. Essa impregnação deve ser facil a 38° e prolongada durante 3 a 5 dias, conforme os tecidos que tenham de ser examinados.

V — Rápida lavagem em água distillada e redução ulterior durante 24 a 48 horas com a seguinte solução:

Acido pyrogallico.....	de 2 a 4 %
Formol.....	5 c. c.
Agua distillada.....	100 c. c.

•• VI — Lavagem em água distillada, deshydratação ao alcool; xylol, parafina e cortes, (5 microns no maximo).

VII — Os cortes são em seguida corados por meio de um dos processos seguintes: 1.º Mistura de *Giemsa*, durante alguns minutos, lavagem á agua, differenciação ao alcool absoluto adicionado de algumas gottas de essencia de cravo (*girofle*), esclarecimento com essencia de bergamota e xylol, montagem no *balsamo de Canada*. 2.º Solução concentrada de azul de *toluidina*, differenciação ao alcool contendo algumas gottas da mistura de ether-glycerinada de *Unna*, esclarecimento á essencia de bergamota, xylol e montagem a *balsamo de Canada* (processo *Manouétian*).

Por meio do methodo acima descripto podemos obter preparações nas quaes os *spirochaetas* se apresentam corados de negro mais ou menos carregado, os nucleos das cellulas epitheliaes, conjunctivas e leucocytarias corados de azul desmaiado, ao passo que a substancia fundamental do tecido conjunctivo e muscular se mostra corada de verde. (*Levaditi — Histologie pathologique de la Syphilis hereditaire et ses rapports avec le Spirochæta Pallida — Travail du laboratoire de Metchnikoff. Annales des Maladies Vénériennes. N. 1, pag. 22, 1906.*)

Por emquanto o methodo de *Levaditi* parece ser o preferivel para a verificação nos cortes histologicos do *Spirochæta pallida*.

Quanto ás outras preparações (*frottis* sobre lamí-  
nulas) apesar de *Davidsohn* (Vide: *Spirochätenfarbung  
mit Kresylviolett—Berliner Klinische Wochenschrift*, 1905,  
pag. 985) afirmar que por meio do *violeta de crésyl* se  
pode verificar a presença do *Spirochaeta pallida* tão  
nitidamente quanto com a solução de *Niemsa*, está  
ultima ainda é a preferida pela maioria dos experi-  
mentadores.

(*Continúa*).

EGAS MONIZ B. DE ARAGÃO  
(*Da Société de Médecine de Paris*)

---

## Clinica ophtalmologica

UM CASO DE FERIMENTO PENETRANTE DO GLOBO  
OCULAR SEGUIDO DE PANOPHTALMIA

*A exanteração ignea e suas vantagens na  
cirurgia ocular*

Pelo Dr. **Mario de Cerqueira**, médico oculista

A frequencia dos traumatismo que interessam os  
olhos e as serias e gravissimas consequências que a  
natureza septica do agente traumatico ou a falta de  
cuidados immediatos podem originar, induzem nos a  
descrevermos um facto clinico que observamos no nosso  
pequeno serviço de ophtalmologia.

Por indicação do distincto collega, Dr. J. G. Fróes,  
procurou-nos em Dezembro ultimo um doente que,  
veraneando em uma de suas propriedades pastoris,  
foi casualmente victima de um ferimento penetrante  
do olho direito.

Ausente o medico da localidade mais proxima, não pôde ser convenientemente tratada a ferida, resultando sobrevir uma infecção tão intensa que, no fim de três dias, a temperatura se elevou a 40° e o doente guardou o leito no auge de fortissimas dôres, até que se attenuou o estado inflammatorio e se formou o foco purulento.

Aminados os symptomas agudos, vinte e tantos dias depois do desastre, pôde o paciente se remover para a Capital, afim de se entregar aos cuidados de um especialista.

Então, tendo-o sob a nossa responsabilidade, retiramos o ligeiro penso que occultava o orgão lesado e notamos as palpebras inteiramente ectropionadas, maxime a inferior cujos cilios se escondiam no sulco orbito palpebral, e as conjunctivas palpebraes fortemente hypertrophiadas e rubras, formando com a conjunctiva ocular uma orla em redor do globo do olho completamente desprotegido de suas cortinas naturaes e em exophthalmia.

No lugar da cornea, destruida por suppuração, existia um orificio por onde se escoava lentamente o puz em que se transformaram as membranas internas e fualmente o conteúdo do globo, restando apenas do imprescindivel orgão a esclerotica cuja natureza fibrosa resiste mais aos processos degenerativos.

Era, pois, um caso typico de panophtalmia que se nos deparava e a urgencia de uma deliberação se impunha, reclamando a retirada immediata do foco septico que podia dar origem a infecções metastaticas por intermedio de embolos destacados e portadores de germens piogenos, principalmente do *pneumococcus*.

que, segundo os estudos recentes de *Duclos* e as observações de *Uhtoff*, *von Hippel*, *Gayet*, *Guenod*, *Randolph* e de outros, raramente deixa de existir nas panophtalmias que sucedem aos traumatismos dos olhos, ponto de que nos occupamos.

Em virtude da grande conexão existente entre os vasos lymphaticos e os seios venozos da orbita e do cerebro, eram taes casos, não ha muito tempo, o espantallo da oculistica, porque, ainda que se praticasse a enucleação ou a evisceração por meio da curêta, unicas operações até então indicadas, muitas vezes sobrevinham meningites suppuradas que se não evitavam por se acharem os vasos da orbita largamente abertos e aptos a absorverem particulas septicas, após o acto cirurgico.

Recentemente, porém, o sabio Mestre do «Hotel Dieu», professor *De-Lapersonne*, procurando remover este grande perigo a que estavam entregues os portadores de panophtalmias, dotou a cirurgia ocular com mais uma operação á qual deu o nome de *exanteração ignea*.

Segundo a estatistica da clinica ophtalmologica do «Hotel Dieu» que tivemos occasião de cotejar, nunca mais se observou um caso de accidente POST-operatorio nos panophtalmicos, assim operados, cujo completo restabelecimento se realisa perfeitamente em um espaço de tempo menor do que quando se applicavam os outros processos.

A exanteração ignea além de abreviar a marcha da suppuração evita que se propague o mal, porque o calor que se desprende da faca de *De-Lapersonne*, instrumento inventado para tal fim, destroe por sua



acção local e irradiante os microorganismos piogenos em toda a area infeccionada.

Mais do que isto ella é de grande vantagem para o operador que trabalha em um campo hemostasiado, e para o doente que possuirá para o futuro uma câvidade dotada de amplos *cul-de-sacs* e provida de um couto móvel que accionará a peça artificial, concorrendo para uma bôa esthetica, o maior desejo dos infelizes que se veem martyrisados pela perda de um órgão tão importante, quer sob o ponto de vista functional, quer compondo a physionomia.

Finalmente, após a exanteração, e retrahimento dos tecidos da orbita não se faz tão profundo como depois da enucleação do globo ocular, principalmente nos individuos em que o contorno dos ossos da face é mais visível.

Convicto, pois, das vantagens da operação descoberta pelo notavel Mestre cuja clinica acompanhei em todas as suas particularidades, durante minha permanencia em Paris, resolvi executal-a sem demora para retirar o meu doente do estado perigoso em que se achava.

Marcada a intervenção para o dia immediato, encarregou-se da narcosé o habil chloroformisador, Dr. R. de Mesquita, auxiliando-nos tres distinctos collegas, amigos do paciente, cujas presenças muito concorreram para o bom exito da operação praticada sob o rigôr da asepsia e da antisepsia.

Em seguida empregamos sobre o globo exanterado compressas frias, frequentemente renovadas e embebidas em uma solução antiseptica, com o triplo fim de diminuir as dôres *post operatorias*, de attenuar a

reacção inflammatoria e de proteger a parte contra os agentes exteriores.

Cessados os phenomenos dolorosos e o estado incommodo que succede á narcose, tentamos substituil-as por um penso oclusivo cuja ligeira compressão não foi absolutamente tolerada pelo doente, provocando fortes dôres, em virtude do seu contacto com a conjunctiva da palpebra inferior ainda mais ectropionada depois do acto cirurgico, e nos obrigou de novo ao empregó das compressas frias.

A constante humidade, porém, começou a produzir ligeira descamação epithelial da epiderme o que nos deu margem ao uso de verdadeiras compressas sêccas, compostas de uma camada espessa de algodão por nós esterilizado e de uma rodella de gaze aseptica, forrando a superficie de contacto.

Este penso, que circumstaucias especiaes nos fizeram compôr e cujos bordos eram mantidos convenientemente por intermedio do *collodion* ou do amidon addicionado a uma solução quente e antiseptica, preencheu todas as condições desejadas e será sempre por nós preferido em taes casos e n'aquelles em que não houver indicação imprescindivel para o penso compressivo.

Elle é de facil suspensão, dispensa a atadura que, não sendo bem applicada, se desaperta, resvalando e incommodando o doente, não comprime a região provocando dôres, e protege-a com segurança contra as poeiras e os germens que certamente ficarão retidos na espessura da compressa.

Após a-exanteração, distinguia-se uma cavidade profunda, verdadeira cratera, no dizer de um dos nossos dignos auxiliares, coberta por uma escara negra que

foi se despegando nos dias subsequentes e, lentamente alcançando a superfície, se eliminou.

Decorridos alguns dias nos quaes os curativos eram feitos pela manhã e á tarde, a cavidade transformou-se em ligeira depressão que pouco a pouco desapareceu sob os tecidos visinhos, dispostos então em redor da mesma como a abertura das bolsas de borracha em que os fumantes depositam o tabaco.

Não se observando mais desde o primeiro dia traço algum de pús e tratando-se assim de uma ferida completamente aseptica, o que, repito, a enucleação e evisceração não obteriam, tudo se encaminhava para a cura, restando apenas combaterem-se a hypertrophia da conjunctiva e o gráo pronunciado de ectropion da palpebra inferior por ella entretido e que parecia querer nos obrigar a uma intervenção preparatoria para a prothese.

Entretanto, graças aos toques repetidos com o lapis de nitrato de prata, depois de previa cocainisação, a conjunctiva que prolabava foi lenta e progressivamente se reduzindo de modo a solicitar o desviramento da palpebra inferior, poupando assim ao doente os vexames de uma segunda intervenção, embora mais simples do que a primeira.

No decimo oitavo dia a cavidade se apresentava provida de um couto móvel, accionado pelos musculos destinados á dynamica ocular e de espaçosos CUL-DE-SACS para assegurarem uma prothese perfeita, convindo especialmente mencionar a ausencia da grande retracção dos tecidos da orbita, commum na enucleação, que, prejudicando a esthetica, altera sobremodo a physionomia.

Então poude o doente retirar-se para o seio da

familia, aguardando agora occasião opportuna á fim de seguir para a Europa, onde será fabricada, servindo de modelo o órgão congenere, a peça artificial que deverá usar.

Isto aconselhamos como fim de obter uma prothese perfeita e em vista da difficuldade existente em encontrar nas collecções que os fabricantes nos enviam peças da côr desejada, tendo as dimensões e o formato da cavidade a que se destinam, o que segundo *Coulomb*, habil oculista e ocularista francez, só se obtem de modo satisfactorio, levando o paciente á presença do fabricante.

Estavam já escriptas essas linhas, quando encontramos um artigo de *Enslin* e *Kuwahara* da Universidade de *Erlangen* na revista «*Archiv für Augenhelkunde*» intitulado—HENINGITE PURULENTA E FATAL, CONSECUTIVA Á ENUCLEAÇÃO DE UM OLHO PANOPHTALMICO.

Depois de relatarem o caso clinico no qual empregaram a enucleação, assim se exprimem relativamente a este methodo operatorio, comprovando o quanto acima ficou dito.

—«La mort survint cinquante-six heures après l'énucléation. L'examen microscopique fit reconnaître que l'infection, due au streptocoque, s'était propagée au cerveau par les gaines du nerf optique. Le globe avait été ouvert au cours de l'opération et une partie de la matière purulente s'était répandue sur la plaie.

Les auteurs insistent sur ce fait, qu'à première vue le contenu orbitaire paraissait normal et que ce n'est qu'au microscope que l'on put reconnaître l'infection ascendante. Il se peut que, dans un certain nombre

• observations antérieures, où l'on ne put découvrir de relation entre le foyer oculaire et le foyer meningé, le traject naissant ait échappé par insuffisance de recherches.

• Quand la panophtalmie n'a pas encore rompu la coque oculaire, l'enucléation est dangereuse; le pus, en s'écoulant, peut infecter la plaie, c'est toujours dans des cas semblables que l'on a signalé la mort après l'enucléation.

Il est préférable de recourir à l'exanteration, (\*) qui est beaucoup plus inoffensive.

Quand les membranes oculaires sont ouverts et que le pus s'écoule dans l'espace de *Tenon*, l'exanteration elle-même n'est plus indiquée et il est préférable de s'abstenir de toute intervention».

—Seguindo os conselhos do eminente mestre De-La-personne oriundos de numerosos casos de sua clinica, muitos dos quaes observamos, não acolhemos o que se lê no precedente periodo, porque, ainda deante da ruptura das membranas oculares e do derramamento de pus no espaço de *Tenon*, a *exanteração ignea* arma o oculista que pode destruir profundamente os tecidos, repositório dos germens, por meio do thermo-cauterio e jugular assim a infecção, antes de se observarem os phenomenos que a propagação do processo por continuidade ou por metastase é susceptivel de produzir.

Bahia—1907.

---

(\*) Os auctores se referem á evisceração por meio da curêta.

## Clinica Medica

Contribuição ao estudo da myiase gastro intestinal

PELO DR. FLAVIANO I. DA SILVA

(Conclusão)

De diferentes especies são as larvas que se têm achado no tubo gastro-intestinal do homem. Assim é que já se tem encontrado:

1.º Larvas da mosca ordinaria, *musca domestica*, que vivem, habitualmente, nos monturos e latrinas. Tres casos desta myiase fôram apresentados por WIRSING á Sociedade de medicina interna de Berlim; o professor PEDRO SEVERIANO DE MAGALHÃES, observou-as n'um doente com lientheria e profunda cachexia palustre, SENATOR e outros tambem já encontraram esta especie no intestino do homem.

2.º Larvas da *trineura rufipes*, da familia das phoridas, que vivem nas materias organicas em putrefacção, foram vomitadas aos milhares por um doente, com perturbações digestivas graves, observado por KAHL, de Varsovia.

3.º Da *pollenia rudis*, que é uma especie muito commum, foram observados 100 exemplares expellidos por um anemico aos cuidados do Dr. JOSEPH, de Breslau.

4.º *Piophyla casei*, a mosca do queijo e da gordura do presunto, cuja larva salta como uma móla. Pode ficar no intestino do homem até attingir a forma quasi completa de chrysalidas, em que pese o modo de pensar de VON BASEWITZ.

5.º *Teichomyza fusca*, a larva dos urinões, muros velhós e latrinas.

6.º *Drosophyla melanogastra*, a larva das materias fermentadas.

7.º *Homalioya (anthomyia) canicularis, scalaris, incisurata*, podem chegar ao estado de chrysalida no intestino do homem. Estas larvas, observadas por LAMPA e outros no intestino do homem, são cobertas de longos espinhos felpudos.

8.º *Hydrothéo meteorica*, assim chamada, porque persegue mais o homem nos tempos borascosos. Já foi encontrado por JOSEPH em duas crianças.

9.º *Calliphora* ou *musca vomitoria*, a mosca azul da carne verde, onde, habitualmente, ella depõe os seus ovos.

10. *Calliphora erythrocephala*, da qual JOSEPH cita o caso de um viajante, que, se tendo alimentado com carne de yeado fria, sentiu-se muito mal e vomitou 100 especimens, depois de uma lavagem do estomago.

11. *Sarcophaga hemorrhoidalis e sarcophaga hematoide*. Estas duas especies prendem-se mui fortemente ás paredes do estomago e determinam accidentes serios. Segundo JOSEPH, de Breslau, somente estas duas especies de sarcophaga podem viver algum tempo no estomago do homem, pois as outras são digeridas pelo succo gastrico, como elle verificou em cães. MAX BRAUN<sup>(4)</sup>, porém, diz já terem sido encontradas larvas da sarcophaga *carnavia* no intestino do homem e o Dr. RICCI<sup>(5)</sup>, da Italia, encontrou tambem larvas da *sarcophaga magnifica* determinando symptomas gravissimos n'um homem.

12. *Lucilia caesar* (mosca verde dourada) e *lucilia regina*,

(4) MAX BRAUN, *die thierechen Parasiten*, pag. 350.

(5) Citado por PERRONCITO. — *Parasiten del homo e degli animali*,

cujas larvas vivem communmente nos cadaveres e nas materias organicas em decomposição.

13. *Eristalis arborum*, *eristalis tenax*, *ristalis dimidiatus*, que vivem n'agua e são notaveis pelo grande desenvolvimento do seu tubo respiratorio, donde o nome de *vers á queue* que lhes dão os francezes.

14. Algumas especies do genero *simulia* observados pelo professor A. LUTZ, de S. Paulo, e cujas larvas têm por habitat as aguas dos pantanos.

15. *Cúrtonevra* ou *musca stabulans*, que vive sobre os cogumelos e outros vegetaes, foi pela primeira vez encontrada no intestino do homem, por LABOULBENE.

19. *Hilophilus pendulus*. A lucilia ou capromyia macellaria parece ainda não ter sido encontrada no intestino do homem, pois não é mencionada por nenhum dos auctores, que consultei, como sendo causadora da myase intestinal. Entretanto, nada obsta a que, dadas certas circumstancias, ella se possa desenvolver no intestino do homem e os dous exemplares por mim estudados muito se approximam da *lucilia hominivorax*.

Estas ligeiras considerações foram-me suggeridas por um interessante caso de myiase intestinal.

Trata-se de um menor de 11 annos de idade, branco, natural da cidade de Campo Bello, em Minas Geraes.

Na manhã do dia 28 de Novembro do anno p. p. fui chamado para vêr o menor Luiz, que me disseram estar um pouco adcentado. A criança, que se deitára sã, estava pallida, com vomitos e uma ligeira colica intestinal, acompanhada de diarrhéa. Com a primeira dejecção expelliu vinte e tantas larvas, que, pelo seu aspecto singular, muito attrahiram a attenção dos paes do referido doentinho, os quaes guardaram dous



especimens por desejarem saber que bichos eram aquelles. Havia de interessante na alimentação o uso de carnes salgadas. Como medicamento administrei o calomelanos em dose purgativa. O doentinho não expelliu mais outras larvas e, no dia immediato, estava restabelecido.

Não havia duvida que se tratava de um caso de myiase intestinal; restava-me diagnosticar a especie do insecto causador da molestia.

Não dispondo de material preciso para um exame aprofundado, tentei, contudo, cultivar as duas larvas, que, infelizmente, morreram na tarde do mesmo dia em que fôram expellidas.

Guardei-as então no alcool e levei-as commigo á Faculdade de Medicina da Bahia, onde, graças á gentileza do meu presado amigo e mestre Dr. GUILHERME REBELLO, lente cathedratico de anatomia pathologica, tive á minha disposição o material do seu laboratorio e, com o Dr. GONÇALO MONIZ illustrado substituto da mesma Faculdade, pude estudar os dous exemplares mencionados. Pelo estudo que fiz convenci-me que se tratava de uma especie muito visinha de *Lucilia macellaria*.

Eis o que pude observar: as larvas tinham a côr branco-amarellada, 10 a 11 millimetros de comprimento sobre 3 de grossura na parte mais desenvolvida e que correspondia justamente ao 6.<sup>o</sup> segmento.

Tinha 11 anneis ou segmentos moveis desprovidos de pellos. A cabeça, que era a parte mais afilada do animal, era desprovida de olhos e se confundia com o 1.<sup>o</sup> segmento; a bocca era formada por dous mamillos desenvolvidos, tendo em sua base, perto da linha médiana, duas mandibulas corneas, collocadas uma ao lado da outra; os ganchos mandibulares eram muitos agudos e isolados nas extremidades.

Na extremidade de cada mamillo nota a-se um pequeno ponto amarellado, de que os auctores não fazem menção, quando descrevem a larva da *Lucilia macellaria*.

De cada lado do primeiro segmento existia uma placa quadrangular, côr de café, que cobria os orificios dos estigmas superiores.

A parte posterior era truncada e tinha uma semelhança grosseira com a cara do gato; correspondia ao ultimo segmento e apresentava, perto de sua parte inferior, dous appendices triangulares e divergentes, abaixo dos quaes se notava uma parte excavada e truncada que formava o que LEON DUFOUR chamou caverna estigmatica. Esta excavação era limitada do lado da parte abdominal por uma especie de dobra, proeminente, quadrilatera, guarnecida de quatro mamillos carnudos, pouco salientes», sendo, porém, mais desenvolvidos os dous de fóra. No fundo da excavação achavam-se os estigmas posteriores, que eram ovaes e formados por tres ostiolos discoidaes e lineares, que se dirigiam em fórma de leque para um pequeno circulo arruivado, situado do lado de dentro e perto da linha encardida que envolvia os 3 ostiolos. Cada segmento era munido na sua base de um rebordo saliente, guarnecido de numerosos espinhos, muito pequenos e juntos uns dos outros. «Os tres primeiros rebordos eram simples e conservavam o mesmo diametro em todo o seu contorno; os seguintes apresentavam uma disposição analoga ao longo de toda a face dorsal, porém, do lado opposto, pareciam se decompôr em dous, deixando assim entre 2 fitas, cheias de espinhos, um espaço liso e mais claro. A partir do 4.º segmento notava-se sobre os lados um pequeno rebordo accessorio guarnecido de pequenos espinhos».

Pela descripção acima feita, vê-se que a nossa larva muito se approxima da *Lucilia macellaria*, magnificamente descripta por COQUERÉL, que nos serviu de

gia neste estudo. Encontram-se, porém, as seguintes diferenças: existencia de dous pontos amarellados na extremidade dos mamillos buccaes e um pequeno canal arquivado em cada estigma posterior.

Rio, 22—III—907.

(Do *Brazil Medico*)

## Bibliographia

DR. HENRIQUE BARRETO PRAGUER, Juiz de Direito no Estado da Bahia.—*Liberdade profissional.—Considerações sobre o art. 72 § 24 da Constituição Federal Brasileira*. Bahia, Litho-Typographia Almeida, 1907. 85 p.

—Excelente monographia sobre o assumpto, a qual já foi publicada nas paginas d'esta revista e agora sae a lume em avulso: O A., com plena competencia, erudição, logica, clareza e lealdade, discute largamente a questão, encarando-a sob todos os seus aspectos, e demonstra cabalmente que, absurda em principio, desarrazoada tambem é perante o nosso direito constituido, a opinião dos que sustentam a liberdade profissional absoluta, isto é, a liberdade, para qualquer individuo, de exercer qualquer profissão, até as mais elevadas e difficéis, sem ser preciso dar provas de que a aprendeu e a couhece.

Mostra o A., com farta copia de valiosos argumentos, que, sobre ser evidente e incontrastavel, em boa fé, que a pratica de certas profissões não pôde, sem prejuizo para a humanidade, ser facultada a quem não recebeu a instrucção sufficiente e especial indispensavel ao exercicio de cada uma d'ellas,—não ha em que se peguem os que admittem que a Constituição Federal Brasileira permite a qualquer pessoa o uso das profissões liberaes, sem que previamente apresentem attestados das suas habilitações e capacidade para desempenhal-as.

«A liberdade profissional, garantida pela Constituição Federal, diz o A., ao revez de ser ampla e absoluta, está sujeita ás restricções impostas pelos leis e regulamentos.» O A. a esta conclusão chega, fundando-se «nos paradoxos dos que defendem a opinião contraria, nas incontestaveis desigualdades sociais, na necessidade das aptidões comprovadas para o exercicio da Medicina e da Advocacia, na opinião de autoridades competentes, em disposições de leis do antigo e do actual regimen politico, no direito estrangeiro, na interpretação dada pelo Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, nos principios da Hermenutica, segundo os elementos grammatical e logico.»

Consta o trabalho de que damos breve noticia, além de um prologo, de 14 capitulos, tendo por objectos: I.—O positivismo e a liberdade profissional. II.—A Republica admittre ainda privilegio. III.—Igualdades physicas e desigualdades individuaes. IV.—Necessidade da aptidão especial. V.—Rabulice e charlatanismo. VI.—Direito brasileiro e estrangeiro. VII.—Conclusões do Instituto dos Advogados Brasileiros. VIII.—A Republica Perfeita de David Hume. IX.—Interpretação grammatical e logica. X.—Impersonalidade da lei. XI.—Disposições constitucionaes de alguns Estado. XII.—Interpretação pelo elemento scientifico. XIII.—Insistencia dos positivistas repellida pelo Congresso. XIV.—Interpretação feita pelos tres poderes constitucionaes.

Com a publicação da presente monographia traz o A. importante contribuição ás letras patrias e presta á sociedade brasileira relevante serviço, indicando qual a verdadeira solução que dar a problema de tamanho interesse, publico e particular.

G. M.

## Necrologia

DR. ROSENDO APRIGIO PEREIRA GUIMARÃES

Cumpre hoje a *Gazeta Medica* o triste dever de noticiar aos seus leitores o fallecimento do conhecido collega e velho professor da Faculdade, o Conselheiro Dr. Rosendo Aprigio Pereira Guimarães.

Nasceu a 3 de Janeiro de 1828 em Maragogipe, e era filho do capitão João Baptista Guimarães, que falleceu antes de ter completado seus estudos o moço Rosendo Guimarães.

Conta-se que foi um escravo de sua familia, quem, pelo seu trabalho quotidiano, auxiliou o estudante nas despezas indispensaveis para que elle chegasse ao termino da sua carreira, o que elle recompensou nobremente, abraçando-o em publico e em primeiro lugar no salão das formaturas da Faculdade, logo após o haver recebido o grão de doutor em Medicina.

Matriculou-se em 1844 na Faculdade da Bahia e nella se diplomou em 1849.

Pouco depois o Dr. Rosendo entrou para o exercito e serviu em algumas guarnições, notadamente na de Pernambuco, onde se distinguio exercendo commissões importantes.

Em 1839 entrou em concurso para o lugar de oppositor na Faculdade da qual era filho, concurso que começou pela sustentação de theses a 13 de Maio, terminando em 27 do mesmo mez.

Foram competidores do Dr. Rosendo os Drs. Ignacio da Cunha, Pedro-Ribeiro, Militão de Bragança e Ignacio de Barros Pimentel, sendo Rosendo Guimarães classificado em 1.º lugar.

Nomeado em 23 de Julho tomou posse em 19 de Setembro de 1859.

Seguiu depois para a campanha do Paraguay onde prestou no posto de capitão os seus cuidados profissionaes com a hombridade que costumava revelar nos cargos que occupara, luctando com as ingentes difficul-

dades que esmagam de ordinario o corpo de saude nas guerras e especialmente naquella, que foi feita em circumstancias muito especiaes, pelo que diz respeito á hygiene e alimentação das tropas na marcha difficilissima que tiveram de fazer.

Foi ahi que elle, servindo-se dos seus conhecimentos de abalitado chimico, deu ao paiz as maiores pravas da sua houradez e energia, verificando a qualidade dos medicamentos e generos fornecidos ao exercito, trabalho que lhe produziu muitos desgostos e não poucos inimigos, mas que lhe deixava satisfeita a consciencia, por haver bem zelado o dinheiro do Estado e salvo não poucas vidas com a sua dedicação pertinaz e a sua honesta resistencia aos especuladores que não faltam em taes occasiões.

O Dr. Rosendo Guimarães era um bom mathematico e se deliciava no estudo desta materia. Voltando para o Brasil fez concurso para cathedratico de Pharmacia, sendo nomeado por decreto de 30 de Agosto de 1871 e tomando posse em 12 de Setembro do mesmo anno.

Como professor é de interesse notar algumas particularidades sobre a sua acção e vida.

Foi consciencioso e exacto no exercicio de seu cargo e exigente para consigo e para com os outros.

Como examinador era minucioso e severo, comprehendendo a sua funcção de juiz como uma grave attribuição, que não podia servir para pedra de toque de amizades, nem para presentes.

Sabia reconhecer os talentos, distinguir as competencias e capacidades e detestava todas as exterioridades e campainhadas com as quaes tantas vezes se engana o mundo.

Tinha em muita estima o fallar com pureza a lingua vernacula e as suas licções, se peccassem por alguma falta, não o faziam por falta de claresa e correccção no dizer.

A sua exposição tambem não cahia no tom declamatorio da rethorica retumbante que tanto prejudicou alguns lentes de seu tempo.

Possuia até uma excellente qualidade como expositor; a de se tornar familiar e simples com os alumnos, aos quaes fallava muitas vezes como numa conversa simples, instructiva e succulenta.

Infelizmente deixava-se empolgar amiude pelo desvio de se occupar, de ordinario em critica acerba e ironica, de assumptos da cidade ou do paiz que nada tinham com o objecto da lição do dia, nem com a materia do seu ensino.

Era dotado de uma especie de humor sarcastico que nada tinha de indulgente e que lhe grangeou não poucas desaffeições.

Foi sempre um original, mas laborioso e dedicado ao ensino.

Apezar de não ser tão exigente a sociedade no tempo em que professava o Dr. Rosendo, como agora, no que diz respeito á difficil tarefa do magisterio, pois não se pode considerar um bom mestre nem o que sómente é profundo, nem o que somente bem sabe expôr, nem o que somente pratica com proficiencia, pode-se dizer que elle bem satisfazia no seu mister, pois a sua passagem pela cadeira de professor que occupou, não foi inutil nem infecundo.

O seu laboratorio foi até sempre bem frequentado e nelle passava o cathedratico muito tempo, preleccionando e trabalhando, o que revela como o Cons. Rosendo comprehendia as vantagens da pratica.

Tendo sido suppressa a boa disposição do regulamento da Faculdade que prescrevia a um dos substitutos o cuidado de organizar as *Taboas Meteorologicas* o Dr. Rosendo Guimarães continuou a fazer este trabalho sem obrigação e sem recompensa, sem que siquer alguém lhe agradecesse preencher por mero patriotismo esta lacuna num meio em que quasi ninguem comprehendia a importancia disto.

E assim fez conscienciosamente as observações meteorologicas durante cerca de 20 annos sem ostentação

e sem fazer valer o serviço que prestava, para que d'ella lhe viesse qualquer proveito, aliás justissimo.

Aposentado em 26 de Dezembro de 1890 deixou a regencia da sua cadeira de Pharmacia e definitivamente o magisterio em 2 de Janeiro de 1891.

Retirado em seu lar o Dr. Rosendo Guimarães ahi viveu cercado pela sua familia da qual era chefe honesto e digno.

Havia-se consorciado duas vezes, deixando filhos do primeiro leito.

Victimou-o a arterio-sclerose aos 79 annos de idade e de uma vida que foi laboriosa e util.

*B. A.*

---

## INDICE

### Do Volume XXXVIII

1906-1907

#### A

Accidentes do foot-ball na America (Estados Unidos),  
pg. 147.

Ainhum (Historia do) pelo Dr. Silva Lima, pg. 356.

Affonso Penna (Visita do Cons. Dr.) ao Hospital Santa  
Isabel, pg. 102.

Alberico Diniz Gonçalves (Dr.) Peixes venenosos da  
Bahia, pgs. 441, 489, 537.

Albuminurias do liquido cephalo-rachidiano patholo-  
gico, pg. 552.

Alfredo Britto (Dr.) Synthese dos melhoramentos rea-  
lisados na Faculdade de Medicina da Bahia em  
1906, pg. 403.

Alfredo Maranhães (Dr.) Discurso-relatorio sobre o  
Dispensario Infantil, pgs. 331, 373, 461, 517.

Amaurose unilateral subita, pg. 225.